

Papagaio real...



SEMANARIO MONARCHICO

CARICATURA POLITICA E HUMORISMO

DIRECTOR: ALFREDO LAMAS

♦ ♦ ♦ COLLABORAÇÃO ARTISTICA ♦ ♦ ♦

- ALMADA NEGREIROS (DIRECTOR) ♦ ♦ ♦
- GASTÃO DE LYS ♦ ♦ ♦
- STUART CARVALHAES ♦ ♦ ♦
- JORGE BARRADAS ♦ ♦ ♦
- RODRIGUES GASTANÉ ♦ ♦ ♦
- JOAO MARIA ♦ ♦ ♦
- SILVA MONTEIRO ♦ ♦ ♦

♦ ♦ ♦ COLLABORAÇÃO LITTERARIA ♦ ♦ ♦

- MAGHADO GORREIA ♦ ♦ ♦
- A. MONTEIRO ♦ ♦ ♦
- ALFREDO LAMAS ♦ ♦ ♦

ADMINISTRADOR E EDITOR: JORGE LUIZ DOS SANTOS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: L. de S. Paulo, 7, 1.º E. — LISBOA

Lisboa, 12 de Maio de 1914



Papagaio real



SEMANARIO MONARCHICO
POLITICA, CARICATURA e HUMORISMO

Collaboradores

Artísticos: Almada Negreiros, Gastão de Lys, "João Maria",
Stuart Carvalhas, Jorge Barradas, Silva Monteiro e Rodrigues Gastão
Litterários: Machado Corrêa, Rocha Martins (GH Vaz),
A. Monteiro e Alfredo Lamas

Director — ALFREDO LAMAS*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
L. S. Paulo, 7, 1.º. Lisboa

Administrador e editor, JORGE LUIZ DOS SANTOS

Composto e impresso IMP. PROGRESSO
C. S. Francisco, 23 — LISBOA

CHEGOU O CORREGEDOR



Vae começar a tragedia... Já está em Lisboa o novo director d'investigação, o ensaiador d'Homero.
Temos SCEVOLADA!...

CRONICA

A burla da liberdade

Os catholicos do Porto já pagaram a manifestação que fizeram ao seu bispo quando do regresso á diocese. Palmas, flôres, vivas, o santo entusiasmo das mulheres, a exteriorisação d'amor por um velho que foi um heroe da religião e é hoje um bom prelado, saudoso das suas batalhas pela fé, levaram uns dias a perturbar a bilis dos jacobinos acoitados, ás ordens de Scevola — Manique de entremez — no governo civil da capital do norte.

E então, ao menor pretexto, uma horda filiada no democratismo, um bando arruaceiro, obedecendo a signaes de conductores de manifestações encomendadas, saltou com as suas bengalas, os seus cavallos marinhos, as suas traições, as suas cobardias e fez fugir feridas mulheres e creanças. Baixando-se na rua, procurando as pedras que deviam partir as vidraças, assaltando os congressistas catholicos, sovando o jornalista intemerato que protestava contra ella, essa horda, n'uma sinistra e paradoxal grita, dava vivas á liberdade.

De ha muito que os governos da republica tinham feito de parte do lemma da instituição — da Igualdade, da Fraternidade — ironias: da Liberdade fizeram uma pura burla.

Pois não é ironia a egualdade, quando o merito roe as pontas duras da vacca que todos os dias se mata para a imbecilidade: pois não é uma ironia a fraternidade, quando o crime e o abuso das leis bebem o doce leite d'amnistias e innocentes o fel agro nas cadeias: pois não é burla — enorme burla — a liberdade que se arvora no topo do cacete, com que se atacam aquelles que tambem desejam exteriorisar o seu sentir: uma religião ou um principio; um protesto ou uma idea?!

E' absolutamente a burla. E' a promessa tantas vezes gritada nos comicios, tornada n'uma letra insolvel. E' a burla para quem os acreditou.

A monarchia — diziam — soffucava as liberdades publicas; João Franco, dictador, queria voltar ao absolutismo; uma policia organizada buscava descobrir os bastidores do regicidio, e tudo isto andava nas boccas dos senhores d'hoje como verdadeiros villipendios. E no emtanto essa monarchia, assim tão mal tratada mesmo por muitos que se arrependeram depois dos seus erros, deixava que se celebrassem os comicios, onde esturgiam as mais sediciosas phrases; e esse dictador, contra o qual até monarchicos conjuraram no segredo das noites, não abriu o castello maldito d'Angra, nem as cellas das Penitenciarias para os conspiradores apanhados com armas na mão, nem fez das repartições de justiça, nichos rendosos d'afilhados e de cumplices; e essa policia, bem diversa da *formiga branca* que em Lisboa assassina e no Porto espanca, jamais prohibiu que se fizessem as romagens aos covaes dos que tinham morto um rei e um principe no Terreiro do Paço, nem que os retratos dos criminosos enchessem as montras de Lisboa.

No emtanto, então, todos se diziam asphixiados, anxiosos d'um ar novo para os seus pulmões suffocados.

Veu esse ar novo. Ao começo pareceu uma brisa suave, trazendo consigo o perfume dos fenos, dos campos e das rosas dos jardins; depois tornou-se ventania violenta que começou por nos arrancar das cabeças, sob penas maiores, os chapéus quando soava a *Portuguezia* e acaba por nos derribar mesmo das partes menos altas, desde que contra ella se clama.

Não é isto a burla da liberdade?... E' para quem os acreditou.

Pois a liberdade é um monopolio de janizaros; pois a liberdade é o refens d'uma seita, o apanagio d'um bando, o goso d'uma *clan*, o bem d'uma quadrilha?...

Póde uma facção arvorar nas ruas, espetadas em madeiros, provocações aos catholicos em nome do livre pensamento — que elles attingem tanto como um lapuz os conceitos d'um philosopho — e não se consente que quem ama a religião do passado, se junte n'um templo a orar, sem que as ameaças resoem como n'aquella noite da missa do gallo na egreja do Soccorro, em que houve descatos e ataques?!

Tolera-se que as hordas jacobinas prendam, molestem, assaltem casas, empastellem jornaes, alvejem a tiro quem não lhes agrada e não se deixa que, tranquillamente no recinto d'um theatro, algumas familias assistam a um espectáculo a favor d'algumas victimas da burla da liberdade?!

Matam-se em plena praça publica dois reis, envolve-se em lucto um paço, soluçam rainhas, corre um fremito de pasmo no povo e em vez de se deixar á historia que aprecie o allucinado acto e se esqueça a hora em que elle se praticou, ha cortejos até ás suas sepulturas; despojam-se de rosas os jardins publicos; um chefe politico o sr. Affonso Costa, chama a um dos regicidas do seculo XX, Guilherme Tell e ao som das musicas e na febre dos discursos, glorifica-se a arma homicida.

Mas os annos volvem, o revolucionario Affonso Costa d'hontem é o tyranete d'agora; e as suas noites são conturbadas pela voz da consciencia que o accusa de liberticida. E então em volta da sua casa, na sombra do seu lar, talvez entre as cortinas do seu leito os sequezes vigiam-no. O que teme?! O que receia?! Aquillo que outr'ora applaudiu, os Guilherme Tell da sua evocação infeliz alvejando-o na praça publica?!

E então os *complots* são apresentados e então Fouchés de tarlatana inventam conjuras contra a sua vida e as leis tão largas outr'ora que nem deviam, no dizer dos jacobinos, procurar saber do regicidio, afunilam-se, estreitam-se, encolhem-se, retrahem-se, em molas apertadas, para não deixar sahir dos carcerees os accusados de ter tentado — sem que uma detonação se ouvisse, sem que uma prova se fizesse — contra a existencia de quem tanto exaltou o attentado pessoal?

Não é só com os catholicos, com os monarchicos, com os realistas que a burla se pratica: é com todos os que n'um momento comprehendem tudo isto e o disseram, descobriram todo o bastidor e o revelaram, viram todo o jogo e o souberam apontar.

E' a burla da liberdade? E' para quem os acreditou.

O que era hontem um delicto, ao empregar-se moderadamente contra elles, é hoje uma medida pura posta em vigor contra os outros: o que era o mal é o hoje o supremo bem; o que era condemnavel, é hoje santo quando tudo augmentou em violencias e perseguições.

E' a burla da liberdade.

Não. E' a logica. Tambem a dynamite teve altares nos museus e se chamou artilharia civil e hoje é uma arma maldita; tambem a *sabotage* foi uma manifestação de civismo ao servir para a revolução e hoje é uma causa condemnada; tambem o attentado pessoal teve a consagração official hontem, enquanto nas cadeias gemem accusados por sophisticos processos.

Logico é pois que quem berrava pela liberdade maxima a entenda assim: Para quem cre, o arbitrio, o tripudio; para quem não cre, o silencio imposto á cacetada.

Não é pois uma burla senão para os que acreditaram. Para os outros é a... a liberdade suprema d'esta nossa nacional expressão republicana! Não ha outra. Não esperem outra

Rocha Martins.

José d'Arruela Regressado do estrangeiro deu-nos o prazer de o abraçar, honrando-nos com a sua visita, o sr. dr. José d'Arruela. O destemido defensor da causa monarchica; que é a causa da Patria, continua trabalhando esforçadamente para o apparecimento do *Diario da Manhã*. O Partido Monarchico, em via d'organisação, tem sido e continua a ser a sua constante preocupação, merecendo-lhe especial cuidado esta ideia, em que poz o melhor do seu talento, da sua actividade, da sua enorme dedicação, ideia que hoje está accete por todos aquelles que entendem, que a salvação da Patria está dependente da orientação a imprimir a esta massa enorme, que é o paiz e que quer sacudir o jugo de quatro annos d'uma demagogia aviltante.

O *Papagaio Real* rende as suas homenagens ao grande portuguez que é o dr. José d'Arruela.

E' um horror! . . . Lê-se no *Diario de Noticias* de 7 do corrente:

[Estragos da formiga branca]

Acha-se completamente condemnado, pelos estragos da formiga branca, o edificio onde funciona a escola normal do sexo feminino.

E' isto! Onde quer que chega destroe, aniquila, mata... Por isso só ella tem a consagração official...
Arcades ambo!

Rocha Martins Temos a satisfação de comunicar aos leitores do *Papagaio Real* que começa hoje a sua effectiva collaboraçoão n'este semanario o nosso querido amigo e brilhante jornalista Rocha Martins, antigo redactor principal d'*O Jornal da Noite*, quando da tragedia de 1 de Fevereiro.

Em numeros anteriores já o publico teve occasião d'apreciar o vigor causticante d'aquelle que foi nas columnas das *Novidades* o fustigador intemerato do ultimo governo.

Actualmente redactor chefe do *Diario da Manhã*, Rocha Martins, que dada a indole humoristica do nosso jornal, assignara com o pseudonymo de *Gil Vaz* as suas chronicas, damos-ha uma collaboraçoão assidua, n'este momento em que o jornal de caricaturas tem que ser o pamphleto illustrado.

Quando a monarchia voltar

(Porque ha-de voltar)

CERVEIRA D'ALBUQUERQUE

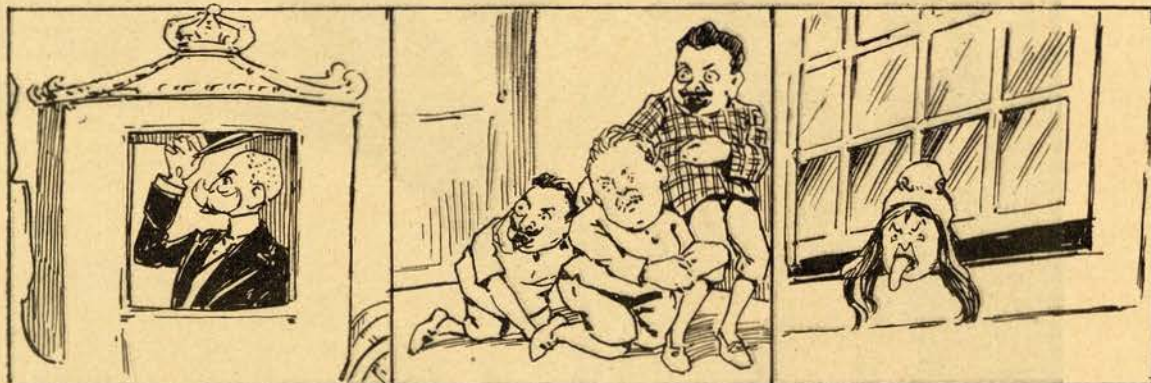


Senhor quando bateram á minha porta eu que tanto receei aquelles malditos julguei que ia para a Penitenciaria mas não. Fui condemnado a ministro e na alternativa deportado democratico na direcção geral das colonias. Muito soffri, senhor, muito soffri!...

Notas d'um pae

Comentadas e illustradas

Extracto da 2.ª edição do livro publicado em 1903 pelo sr. dr. Bernardino Machado



(1)

(1) Pag. 131. «O Dino e o Domingos vieram chamar-me para eu ir ver o comboio que tinham feito com os seus solidos de construcção. Era enorme. Carruagens de todas as categorias. No salão vas o papá. E o Dino para que eu saiba bem o que me offerecem faz-me notar: Tem corôa em cima! Salão regio nada menos.»

O sr. conselheiro, desvanecido: Como os filhos advinham os sonhos dos pais.

(2)

do-se no ascensor da comida para ir vêr a cozinha.

A cara que faria a cosinheira!...

O director esse encontrei-o maravilhado do original deslante como quem veria n'elle epicas audacias do genio portuguez. Os rapazitos tinham futuro, prognosticava!»

(Isto deve entender-se com os srs. Alpoim, Bibeira Brava e Affonso Costa que no 28 de janeiro tambem se esconderam no ascensor então chamado da Bibliotheca e hoje mais propriamente se deve intitular da comida, como o dos rapazitos...

(3)

(3) Pag. 149. «Janellas. São melhores d'abrir para os ludos porque as de sobrepôr podem cahir na cabeça das creanças.»

Os tubarões n'um côro: Crêdo abrenuntio, até nos pode cahir o raio em casa! Que é como quem diz a janella de guilhotina no pescôço de quem é ainda tão novinha alimenta as nossas grandes necessidades já agora insuperaveis.

(E' d'ahi mesmo que vem o superavit: abundancia de comida para certas barrigas apenas.

(2) Pag. 135. «Os pequenos puderam começar a sua regeneraçoão introduzin-

O FOMENTO DA REPUBLICA



O grande «truc» é este: encher os alcatruzes à custa do ZÉ e habilitar a Margarida a jamais faltar com a lavadura na celha dos históricos...



HISTÓRIA ALEGRE DA REVOLUÇÃO

IV

A noite da revolução não foi toda de alegrias para os revolucionários. A Carbonaria terrível depois, n'essa hora teve um terror sinistro na pessoa d'um dos seus chefes. A fuzilaria soava; troava o canhão, com pólvora seca na maior parte das vezes, como em exequias reaes.

No escriptorio do sr. José Barboza, o grande chefe carbonario, feito depois director geral dos correios como n'uma symbolisação das bombas (os pombos sem azas) ao ver a tranquilla sentinella da Caixa Geral dos Depósitos, onde hoje reina Estevão, dizia pallido de medo para os dois revolucionarios que o acompanhavam em torno da casa:

— Schiu... Schiu... Se dão comnosco somos fuzilados.

Passava uma força d'infantaria n'uma marcha pesada; os soldados aborrecidos no escuro da noite. E elle, segurando uma pistola que trazia e era o seu pezadello, balbuciava:

— Mas quero vêr-me livre d'isto...

O seu grande terror era ser fuzilado; a sua grande anciedade era ir-se embora, mas sem essa pistola que para a sua imaginação era como uma tremenda peça d'artilharia.

E'... é que somos fuzilados se nos agarram...

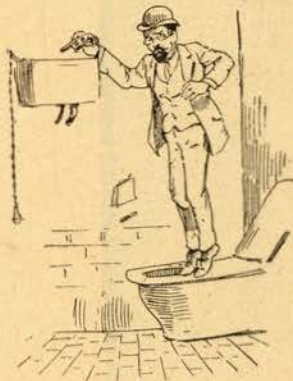
Tomou então uma decisão extrema.

Extranhamente o incomodava aquella pistola.

Oh! Mas haveria um meio... Era deital-a á retrete!

— Não passa no syphão — disseram os outros...

— E' verdade!... E' verdade!... balbuciava de novo, para saltar um grito d'alegria e empoleirar-se na caixa da sentina d'onde se preparou para deitar a arma no deposito do autoclismo.



desembaraçar-se da arma no club da linhaça e balbuciante pergunta ao pharmaceutico:

— Onde esconder isto? onde!...

! Mas nova indecisão surgiu. E se dão uma busca e se o apanham ali... Somos fuzilados...

Os companheiros arrastaram-no para a rna n'uma grande vontade de vêr o que se passava e iam enfiar-se, pelas horas matutinas, na pharmacia do Chiado, onde Brito Camacho pontifica entre dois frascos de jalapa.

O carbonario chefe torna a querer

Com o olhar arguto, o dedo estendido, como Besuquet do *Tartarin de Tarascon* indicou-lhe o frasco do basilicão:

— Ponha-a ali ninguém dará com ella!...

Era um esconderijo digno de uma arma que o chefe da terrível associação, que tanto deu que fallar, empunhara nos momentos do perigo.

Pede-se uma lapide para o frasco e uma pensão para o unguento!...



V

Foi tambem d'uma herocidade sem igual o ataque que se pretendeu dar ao cruzador *D. Carlos*.

Noite negra, no caes da Fundação. Um official chega espavorido:

— Ah!... Larga d'ahi... Infantaria 16 está a fuzilar o povo...

Desatou a fugir para voltar d'ahi a pouco a berar que artilharia 1 estava fazendo o mesmo...

Era este official o tenente Aragão de Mello.

Em volta do capitão tenente Fontes Pereira de Mello um grupo d'intemeratos defensores da republica, e jovens turcos valorosos, entre elles o tenente Helder Ribeiro, pedia:

— Vá dizer ao almirante Candido dos Reis que desista...

O *Dinorah*, de caldeiras acesas, esperava prompto para levar ao ataque do cruzador o almirante e os seus companheiros.

Candido dos Reis entrou no barco com alguns officaes. Vozes timidas balbuciavam.

— Os faroes do *D. Carlos* não estão como foi combinado...

Resmungavam as vozes no silencio do Tejo picado de luzes e o almirante ordenava:

Vamos para bordo!...

Quando se voltou viu a officialidade voltando-lhe as costas e fugindo para terra...

Por muito comica que tenha sido a revolução em alguns pontos não ha pagina



mais ridicula do que esta a qual devia acabar tragicamente com a morte do almirante, descrente dos valerosos heroes revolucionarios do grande *complot*.

Cobardes!... exclamou elle atirando fóra o bonet do uniforme e largando para terra.

Quando se fizer o quadro allegorico da revolução — se a monarchia ainda demorar — elles figurarão d'espada nua e gesto tragico gritando!...

— Ao assalto!...

No pedestal da estatua das heroicidades elles estarão do mesmo modo...

Sim que não se podem figurar *redemptores* batendo com os calcanhares no sitio onde Secevola precisa pontapés.

*

A maior parte das informações d'esta parte da Historia Alegre foram obtidas no depoimento do capitão de fragata Fontes e nos *Subsidios para a Historia da revolução de 5 d'outubro* publicados pelo sr. Stefanina e que são mananciaes para as festas d'essa noite.

DE BINOCULO

Escrive-nos um cavalheiro que por modestia só assigna X uma extensa carta, dando-nos paternaes conselhos e indicações...

D'uma vez para sempre fica dito que este jornal não responde a cartas anonymas nem lhes ligará importancia.

Abrindo, porém, uma excepção para este exemplar por julgarmos saber de onde vem e porque vem, vamos concretisar o seu arrazoado e responder-lhe:

Diz a carta succintamente:

1.º — Que entrámos no caminho do insulto gratuito, porque:

2.º — Chamámos adhesivos ao Director Geral e ao Director das Alfandegas.

3.º — Que o facto dos funcionarios ficarem ao serviço da Republica, não praticando actos politicos, senão os do seu cargo, não é adhesivar nem deve merecer censura.

Arteiramente, para desnoortear, o nosso correspondente anonymo confunde a nomenclatura hierarchica das pessoas visadas n'esta secção, pois que tratámos:

1.º — Do sr. Manuel dos Santos, director geral das alfandegas;

2.º — Do sr. Antonio Augusto da Silva, chefe de serviço da alfandega de Lisboa;

3.º e ultimo do sr. Durão, director da Alfandega do Porto; mas não insultámos ninguém — salvo se essas cambiantes politicas, a passagem da monarchia que os honrou e galardoou, para a Republica, podem ser consideradas um insulto.

O facto dos funcionarios publicos passarem d'um ao outro regimen nos seus postos, não constitue de facto, nem de razão, uma conformidade de ideias politicas — nem tal dissêmos, nem pensámos; mas exactamente por isso é que fôcamos os tres citados funcionarios.

O primeiro, o sr. Manuel dos Santos, foi secretario d'um ministro, foi conselheiro, foi convidado, *se és vera a fama*, para ministro. Foi, como se vê, algem dentro da monarchia e por ella considerado. Pois logo apoz a sua nomeação para administrador geral das alfandegas, logar disputado a um republicano de sempre, disse o sr. Innocencio Camacho a uma commissão que o procurou e que protestou contra tal nomeação, que o sr. Manuel dos Santos tinha prestado muitos e notaveis serviços á Republica, accrescentando, se a memoria nos não falha, que era um republicano velho.

Ora se s. ex.ª tinha prestado muitos e notaveis serviços á Republica, quando e onde lh'os tinha prestado? Evidentemente, quando com a monarchia vivia e d'ella recebia, até com injustiça e illegalidade, beneficios.

Se o sr. X, o não quer classificar de adhesivo — classifique-o á sua vontade...

O sr. Silva nem vale a pena discutir a sua personalidade politica: — foi, não é, volta a ser, para deixar de ser e voltar a ser. No resto não é má pessoa...

O sr. Durão — devia ha muito estar reformado por incapacidade. Poderá o seu acto ser considerado velhice, mas praticou-o e mantem-se n'um logar importante; logo não vale o direito da nossa consideração.

El... cá esperamos a annunciada visita do sr. X..., que certamente não virá, senão por epistola... do genero da primeira...

Grande coisa é a sombra!...

Ponson du Marne

PALHAÇOS

Como bom portuguez nas minhas horas d'ocio frequento o Colyseu para ver os palhaços, e ouço desfaldar grosso riso beocio que a multidão aliaz faz subir nos espaços...

Eu sei que é infantil o devaneio. Embora!
Vou rindo. Que me importa? O caso é rir-se a gente!...
O riso é como o alvor esplendido da aurora, se o riso é o sol da vida, é rir heroicamente.

Hontem, porém, passei alli perto a S. Bento e lembrei-me d'entrar... Entrei... Oh! dispauperio!
Oh! suprema irrisão! — Vi que era o parlamento...

E, para descrevel-o em vigorosos traços, —
Só achei uma phrase em estylo joco-serio:
é, como o Colyseu, repleto de Palhaços.

Democrito II.



Seria por isso? . . . O sr. Julio dantes monarchico e hoje republicano, está radiante por que no banquete ha dias offerecido em Belem ao corpo diplomatico, diz elle — *Foi notavel — e ainda bem — o rigor protocolar da festa.* — Julgará o illustre conferente da *Degenerescencia da familia de Bragança* que tambem é do protocollo adorar todo o sol que nasce?...
Ou será mania?!

Rectificando No nosso n.º 4, ao registarmos o passamento do sr. José Tavares da Rocha, sogro do nosso amigo, socio e camarada Armenio Monteiro, deturpamos-lhe o nome; rectificando, apresentamos a Armenio Monteiro, as nossas desculpas pelo involuntario erro.

Solidarios Vae levantar-se um mausoleo onde ficarão os restos dos regicidas Buica e Costa. A Camara Municipal de Lisboa já deu o terreno, a pedido da Associação do Registo Civil. Foi convidada nas pessoas dos seu presidente e vereadores para assistir ao lançamento da primeira pedra.

Irá? Não irá? Isso vamos ver, para avaliarmos até onde vae a solidariedade dos republicanos com aquelle infame attentado, que nos fez passar aos olhos do mundo civilisado como paiz de cafres, dos mais ferozes e sanguinarios.

Ao "Dia" Pela sua referencia ao nosso ultimo numero e ainda pela transcripção da chronica *Togas sinistras* de Rocha Martins, os nossos agradecimentos.



THEATROS

NACIONAL — A's 9,30 — *Telhada de vidro.*
GYMNASIO — A's 9,30 — Representação do original portuguez *Mariol*.

TRINDADE — A's 9 horas — *Emfim só!*

AVENIDA — A's 9 horas — A opereta *Princesa Bohemia* em que toma parte a actriz Palmira Bastos.

APOLLO — A's 8 e 11 e 10 e 114 — 2 sessões — *De capote e lenço.*

COLYSEU DOS RECREIOS — A's 9 h. — Companhia de Opera Lyrica Italiana, todas as noites.

RUA DOS CONDES — A's 8 112 e 10 112 — 3 completamente remodelada com atrações e novidades.

CHIADO TERRASSE — (Rua Antonio Maria Cardoso) Animatographo elegante — Estreias consecutivas.

OLYMPIA — (Rua dos Condes) — O mais confortavel e elegante salão de concertos e cinematographo. Estreias consecutivas.

Matinees diarias, ás 3 horas.

SALÃO FOZ — Variedades e animatographo.

SALÃO CENTRAL — (Palacio Foz) — Animatographo.

SALÃO PHANTASTICO — Animatographo e variedades.

NO CINEMA DA DIPLOMACIA



No Elyseo

Ele que tanto amava o paradoxo foi uma sua vítima. Como uma ordem fatal do destino monela-se entre a ministra negra do Haiti, a mais despótica das Republicas e o ministro amarelo do Sião, a mais tyranica das monarchias.

Julga-se que vae começar um ba.u-que e é apenas o nosso representante que desfilia no seu logar?

Oh! o Paradoxo!...

O Papagaio real

na festa offerecida ao Brazil

Notas d'um reporter feitas à thesoura pelos extractos do MUNDO, órgão do regedor de Ceia

Como se sabe, celebrou-se o centenario da descoberta do Brazil na presença de seu embaixador n'uma sessão solemne do theatro da Republica. Os oradores encarregaram-se de se desmentir uns aos outros e os factos de os desmentir a todos:



Falla de Macieira, que se paronea para succeder a Bernardino na embaixada do Rio:

«Era aquelle o povo portuguez de 5 de Outubro e não o povo da monarchia porque essa não tinha povo».



Falla d' Alexandre Braga, que como se vê não ouviu o collega:



«E' o povo que fala pela sua palavra, aquelle povo em cuja mente palpita ainda a mesma ideação soberba que fez surgir a epopeia dos Luziadas, o povo que soube amar no coração de Inês e morder o pó com dignidade e honra em Alcaçer-Kibir; aquelle povo que ainda teve a energia de 1640

e em face da Inquisição e do jesuita soube erguer a figura soberba do marquês de Pombal.

Neste lance a estada do embaixador do Brazil entre nós é a certeza de uma testemunha autorizada, que fará emudecer aquelles que perante a justiça e a verdade não quizeram ainda render-se. Essas vozes calumniosas e vis hão-de calar-se amanhã perante essa testemunha honrada, que afirmará quanto este povo tem realizado de admiravel nestes quatro annos e o seu respeito por todas as ideias que representam estas tres coisas — **liberdade, direito e justiça.** Dirá s. ex. como o esforço da Republica effectou já conquistas definitivas no campo do direito, da moral e da regeneração financeira. Sacudiu a tutela da intolerancia religiosa na escola, resuscitando as leis de Pombal e Aguiar que a monarchia considerava definitivamente mortas; dignificou a familia libertando o lar, promulgando leis sagradas e humanas.



A liberdade, o direito e a justiça do orador e os telegrammas do Mundo:

A' noite realizou-se na Associação Catolica, á rua de Passos

Manuel a sessão de encerramento do Congresso das Juventudes Catholicas. A certa altura rompem lá dentro os vivas á monarchia logo correspondidos por vivas á Republica e morras aos thalassas, soldados cá de fóra por imensa multidão. Como a policia para ali tinha sido mandada em grande força nada houve de maior. Nesta altura chegavam a S. Bento os excursionistas de Barcelos e sabendo que havia na rua grupos de republicanos já não queriam sair, falando mesmo no regresso em comboios a qualquer estação proxima do Porto. Por fim saíram, pois que não havia maneira de lhes satisfazer os desejos. Acolhidos com vivas á Republica, não tardou, que as bengalas entrassem em ação fervendo rija e forte a pancadaria. As janelas do edificio foram apedrejadas entre vivas á Republica e quando a policia acudiu só pôde afastar a multidão e tomar as embocaduras das ruas. Foram presos por protestar contra a manifestação republicana os sapateiros José Pereira de Castro e José da Rocha Magalhães. Junto da Associação Catolica continua a multidão, afastada pela policia. Os que lá estão dentro não querem sair.

INTERVENÇÃO INOPORTUNA

PORTO, 4, ás 2. — Na praça da Liberdade, depois de serenar o maior tumulto e que se soube que á porta da Associação Catolica rompera nova manifestação um sub-delegado de saúde ainda ha pouco em evidencia no caso do jesuita Pestana chegou-se apoplectico ao pé do commissario do policia protestando contra os acontecimentos. Houve troca de palavrões calorosos, e como começasse a juntar-se gente, o nosso amigo Caldeira Scevola, afastando-se com elle, disse-lhe ao ouvido uma frase que não posso escrever. — *Oliver.*

O Papagaio, depois de cortar a informação.
«E o delegado não lhe applicou uma bota n'um sitio que não se pôde tambem escrever?»

Onde se continua a reportagem do Mundo:

«O sr. dr. Antonio Macieira vinha justificar a ausencia do sr. dr. Affonso Costa, cujos padecimentos ultimamente se agravaram, mas ali representado pelo seu secretario sr. Urbano Rodrigues. A' invocação d'este nome querido o illustre estadista Serzedelo Correia levantando-se do seu logar interrompe o orador:

— O sr. dr. Affonso Costa é um grande patriota; Foi o rastilho communicando a explosão de uma grande extraordinaria ovação. De pé, agitando lenços as senhoras aplaudindo os homens, toda a assistencia aclamou freneticamente o sr. dr. Affonso Costa juntando nessas aclamações vivas ás duas Republicas irmãs. Proseguindo, o orador num caloroso discurso enalteceu o significado d'aquella manifestação ao grande paz n'esso irmão».

Não ha duvida que o sr. dr. Affonso é um grande patriota. O estadista sr. Serzedelo Correia não o conhece bem.

Patriota a ponto... a ponto... de... ser capaz de assar o illustre brasileiro se soccorrer algum dia algum thalassa.

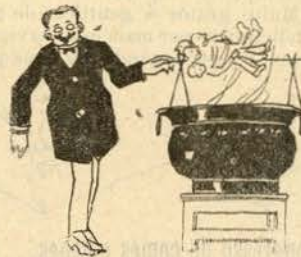
Senão veja. Falla agora o *Intransigente*:

«Um calor» do sr. Affonso...

Do nosso collega a Vanguarda, d'hoje:

«Um sr. Pimenta, que por signal é senador e afonsista fervoroso, lembrou auto-hontem, p' lido certa esquina, a proposito da manifestação feita em favor de Oliveira Coelho, pela Liga dos Direitos do Homem; esta frase do sr. Affonso Costa, esportada pelo embaixador estadista quando do incidente Lobo d'Avila:

«Pôde o Brazil corrar relações com Portugal... Mas ai dos brasileiros que cá ficaram! ... Consequentemente, pôtem os ingleses tremem porque, caso Oliveira Coelho seja executado e o sr. Affonso Costa suba novamente ao poder, ficam de certo reutilizados a pó, terra, cinza e nada... Brrr.»



Com a devida vénia, transcrevemos o echo acima e não podemos deixar de o completar, rectificando-o ao mesmo tempo e de justiça.

O sr. Pimenta, senador, não é affonsista, quem é affonsista

é o sr. Pimenta, deputado, que, como o primeiro é Adriano, doutor, etc:

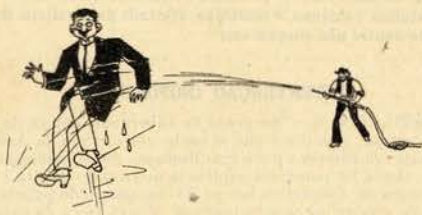
A frase, pois, em questão, foi soltada pelo sr. dr. Adriano Pimenta, em ar de troça, esquecendo-se o colega de fazer menção á mais importante e comica passagem d'ella!

O sr. Affonso Costa, disse effectivamente o que acima se lê, mas não ficou por alli, pois que acrescentou com o seu mais solemne ar pombalino:

— «Mas aí dos brasileiros, sempre os faço apanhar um calor!...»]

Assim é que foi e n'este «calor» é que está o comico da... coisa!...

Se não continuam a applicação dos duches d'agulheta com que o mimoseou o homem da limpeza mu-



nicipal dentro em pouco só se ouvirá na cosinha democratica:

— Salta um brasileiro na grelha!...

— P'ra mim mal passado...

Rapaz... arranja-me um brasileiro bem tostadinho...

— P'ra o nosso chefe traz um escalado e com duas pedrinhas de sal na guelra!

Ora aqui tem o sr. Serzedelo. Se come Saturno elle não come os filhos como os hattentotes é capaz de dar um calor aos irmãos... d'alem mar!



Carta aos emigrados politicos

A' amabilidade do nosso presado amigo e valoroso correligionario Dr. José d'Arruella devemos a offerta da sua *Carta aos emigrados politicos* recentemente publicada quando da ultima e tambem recente viagem do seu illustre autor.

Porque em absoluto concordamos com a orientação n'ella expendida e porque reputamos util a sua divulgação, transcreve-la-hemos no nosso proximo numero e se o não fazemos já n'este é por carencia de tempo e de espaço.

Muito gratos á gentileza do nosso amigo, d'aqui o felicitamos por mais este serviço prestado á causa, o qual é a propaganda dos bons principios.



Congresso de comes e bebes. Consta que em virtude ultimamente realizado se ter notado que ainda ha muito bons garfos e muito bons copos — talvez porque a *formiga branca* ainda não tinha dado por isso — foi resolvido em assembleia geral do grupo Pró-Garfo convidar o sr. Carlos Gomes a organizar um congresso de comes e bebes.

Si no é véro, é pelo menos bem achado, porque o sr. Carlos Gomes provou ter dedo para a coisa...

Uma boa noticia

Devido a amabilidade d'um amigo que muito estimamos o *Papagaio real* publicará no seu proximo numero os retratos de S. S. M. M. El-rei o Senhor Dom Manuel e Rainha a Senhora Dona Augusta Victoria.

São photographias recentemente tiradas e ainda desconhecidas em Portugal.



Verêmos. Recebemos uma extensa carta contando-nos episodios patuscos de certos actos de um *republicano historico* que apparece de chapéu alto ao lado de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Manuel II, n'uma photographia tirada no pateo d'alfandega de Lisboa, quando da sua visita; *republicano de sempre*, guindado agora por artes de berliques e berloques a chefe de uma repartição importante...

Quem cá em casa pôde tratar o assumpto — está fóra. Veremos quando vier!

Mettendo a colherada. Tudo para ahi está indignado, porque o sr. Serzedello Correia, cidadão brasileiro, se permittiu a liberdade d'intervir nas coisas de nossa casa, chamando nomes ao sr. Affonso Costa e dizendo larachas ao sr. Bernardino. Pois levantemos as mãos ao ceu; s. ex.ª poderia ter dito muito peor, se lhe desse um d'aquelles ataques a que ha certo tempo está sujeito que por vezes o obrigavam no parlamento da sua terra a largar a sua inconveniência, algumas até de caracter pornographico. O estado mental de s. ex.ª illiba-o, por assim dizer, de qualquer responsabilidade, motivo mais que sufficiente para justificar a colherada que tão absurdamente metteu, prostituindo assim as boas normas da diplomacia brasileira.

“*Papagaio Real*”, Attendendo os numerosos e successivos pedidos que os leitores d'este semanario nos tem dirigido, para que modifiquemos as côres das nossas capas, já n'este numero damos novas capas, promettendo para o proximo numero essa modificação como a desejam, procurando assim satisfazer quanto possivel os pedidos dos que nos leem.

O URSO

Com um urso d'olhar ideal, meditabundo, triste que comovia os corações humanos por feiras e arraiaes, bronzeados ciganos andavam a cumprir seu fado vagabundo.

Ao som da pandeireta e de um cantar jocundo fazia o animal mil prodigios insanos para ganhar dinheiro aos donos, seus tyranos, que andavam percorrendo e explorando o mundo.

Assim, oh! pobre Zé, nas mãos dos teus senhores és um urso que vaes transido de pavores, desprezível, faminto, exposto á troça publica!

Desgraçado! Não vês o teu destino ignavo?... Ao som da *Portuguesa*, anda, baila urso-escravo da cigangem vil e torpe da Republica...

Causa Monarchica

No nosso proximo numero que será de 10 ou mais paginas publicaremos uma entrevista com o nosso amigo e correligionario sr. Dr. José d'Arruella. Por varios motivos essa *entrevist* é de capital interesse para todos os monarchicos.

AGUA DO MOUCHÃO DA POVOA

Para tratamento de **ULCERAS, DOENÇAS DE PELLE,**
DOENÇAS DAS SENHORAS e de ESTOMAGO

GRAND PRIX E MEDALHA D'OURO | LONDRES 1913
ROMA 1915

Largo do Conde Barão, 48 — LISBOA

TELEPHONE N.º 3509

Aonde todos devem comprar:

Sapataria Portugal

R. dos Poaes de S. Bento, 27 — Telef. 3.500

Para fornecimentos completos
de **TIPOGRAFIAS,**
LITOGRAFIAS e ENCADERNAÇÕES

A CASA

A. V. H. MASCARÓ

R. DE S. PAULO, 9-1.º — LISBOA — Telefone 2.378

ESCOLA DE EQUITACÃO

RUA DE D. PEDRO V, 70

Lições a senhores, homens e crias, particulares e em classe.
Lições de equitação com hygiene. Lições de governar um cavallo
só e parelha. Ensino de cavallos de sella,
para toureio, alta e -
cola, para concurso e
para tiro só e de parelha. Aulas nocturnas
para a classe commercial e burocratica, par-
ticulares e em classe.

PREÇOS CONVENCIONALES

O DIRECTOR
JOÃO GAGLIARDI



MARIOTE

Os meus cadernos. N.º 14. — Uma cam-
panha de acção nacional. — Destruição d'uma utopia. — O perigo do
Ideal. — A experiencia republicana dando uma salutar
lição de philosophia aos burguezes lusitanos. — Uma
admiravel visao critica de Proudhon. — Ideal e Ideal.
— Ideal legitimo e salutar, e Ideal illegitimo e perni-
cioso. — O Ideal na arte e na sciencia. — Os perigos do vago. — Idealismo religioso. — A dis-
solução social produzida pelo naturalismo idealista e pelo idealismo democratico. Uma acla-
ração. — A constituição da Liga de Acção Nacional. — A disciplina da Liga. — A declaração
de adhesão á Liga de Acção Nacional. — Preço 50 rs.

Pedidos aos editores

ALMEIDA & MIRANDA — Rua dos Poaes de S. Bento, 135 — LISBOA

ARMAZEM DE VIVERES

ANTONIO JOAQUIM MARQUES

— Especialidade em generos Ingleses. — Grande variedade de finissimos
chá. — Artigos de Pa telaria. — Champagnes nacionaes e estrangeiros. —
ESTA CASA ESTÁ AB. RTA AOS DOMINGOS

Avenida da Republica, 10-A, 10-B, 10-C. e (Junto á loja de fazendas)
— Telep. n.º 2031 —

PERFUMARIA FINA

P. DE D. PEDRO, 101 — LISBOA

Recbea novo
sortimento de es-
sencias finas para
o lenço e banho,
sabonetes e pós de
arroz finissimos,
boa agua de Colo-
nia e Florida e
preparados garan-
tidos para o ca-
bello, dando a cor
natural, sortimen-
to de elixires, pasta
e pós dentificios

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO



Carreira mensal para as costas oriental e occidental da Africa
por contracto com o governo portugol

Para carga, passagens e quozquer esclarecimentos, dirigi-se:

Nº PORTO: Aos agentes srs. H. BURMESTER & C.º — R. do
Infante D. Henrique. — E.M. LISBOA: ESCRITORIOS DA EMPRESA
— 85, Rua do Commercio.

Brevemente

O DIARIO DA MANHÃ

Jornal monarchico